



Assembleia Legislativa

Região Autónoma dos Açores

Gabinete da Presidência

Dia da Região Autónoma dos Açores

2015

Açorianas e açorianos,

Hoje é dia de Festa!

É dia de celebrar a nossa Região e as nossas gentes.

É dia de partilhar, sob a égide do Divino Espírito Santo, o pão e o vinho, as alegrias e as amarguras, a força e as tormentas.

É desta fibra que somos feitos, é esta coragem que nos faz avançar, é este mar e é esta bruma que nos caracterizam enquanto açorianos.

Muito obrigada a todos pela vossa presença e um agradecimento especial à Vila das Lajes das Flores - em festejos duplos que contemplam os seus quinhentos anos de

existência; parabéns! -, e aos florentinos, que acolheram este Dia da Região de forma tão calorosa.

Esta ilha, com a Fajã Grande e o ilhéu Monchique junto de si - ponto mais ocidental da Europa -, onde muitas vezes se vive a insularidade dentro da insularidade, onde os verdes são mais verdes e a paisagem deslumbrante nos transporta a uma quietude difícil de encontrar noutras paragens, deu aos Açores e ao país nomes de vulto na literatura.

Roberto de Mesquita, poeta simbolista, que Vitorino Nemésio considerou o poeta das ilhas, por trazer uma ilha dentro de si, foi um desses nomes, expoente da expressão do microcosmos insular, na atitude de exílio, na metaforização do tema, na vivência do isolamento, no sentimento de abandono.

Neste Dia dos Açores, na açorianidade do século XXI, é portanto, indesviável uma referência em jeito de homenagem a dois poetas da ilha - Roberto de Mesquita e Pedro da Silveira -, porque são os poetas obreiros profundos do sentimento da açorianidade, também celebrada nesta Segunda Feira do Espírito Santo.

Pedro da Silveira, na sua fidelidade poética à ilha, na sua abertura a novos espaços, nas suas pesquisas temáticas, na sua inquietação ávida de saber, revelou igualmente muito da diversidade conformada de sentimentos que podem congrega-se no conceito de açorianidade.

Pedro da Silveira saiu da ilha mas nunca perdeu a ilha dentro de si e o regresso era uma constante na sua poesia. Dizia o poeta:

“Aqui,
longe,
num café de Lisboa,
quase à beira do Tejo turvo das fragatas,
a olhar um paquete que vai na direcção da barra,
subitamente é como se eu também partisse.
E só de pensar-me partindo
embarco e, deslumbrado,
imagino-me chegado às ilhas.”

Quantos de nós já não vivemos este eterno sentimento de regresso, mesmo quando a vida que percorremos nos coloca nos antípodas dessa realidade?

Estou certa de que todos os açorianos que, por imperativos da vida, procuraram noutras paragens trabalho, realização pessoal ou aventura permanecem, em mente e coração, na terra que os viu partir.

A todos os que sentem e vibram com os Açores, nos quatro cantos do mundo, do Uruguai ao Brasil, dos Estados Unidos ao Canadá, e na Bermuda, uma palavra de reconhecimento e de agradecimento por manterem viva a cultura, a tradição e os saberes açorianos, pela capacidade de transmitirem às novas gerações o conceito de açorianidade e por continuarem, mesmo longe, a contribuir ativamente para a promoção dos Açores.

Convosco, continuaremos a ter voz em terras longínquas e a engrandecer a nossa Região.

Na comunhão entre o Espírito Santo e a Autonomia, hoje homenageamos os que pela sua intervenção pública e cívica, também ajudaram na construção dos Açores, prestando o devido tributo àqueles que já não se encontram entre nós.

Na política ou na cultura, com a sua participação social ou profissional, os agraciados de hoje contribuem para o crescimento e desenvolvimento da nossa Região, sendo um exemplo de cidadania ativa.

E por isso é também nosso dever agradecer-vos, desejando que o vosso exemplo seja continuamente replicado por outros que também se revêm na vossa ação.

Açorianas e Açorianos,

Hoje é dia de Festa!

A nossa Região, Autónoma por direito constitucional, celebra hoje mais um dia politicamente escolhido como símbolo da nossa identidade cultural e social, de fé e de partilha.

O sonho da primeira geração de autonomistas açorianos concretizou-se, efetivamente, no modelo de autogoverno (e não de simples administração) político, legislativo e financeiro que a Constituinte abraçou e que as sete revisões constitucionais que se seguiram confirmaram.

Estamos, assim, perante duas condições que consolidaram a autonomia: o quadro constitucional/legislativo do Estado e a vontade de um povo, precursor dos ideais autonomistas e da defesa da livre administração dos Açores pelos açorianos, como refere o preâmbulo do nosso Estatuto Político Administrativo.

É tempo, portanto, de celebrarmos e lembrarmos os que abriram o caminho, os que ousaram sonhar com a Autonomia dos Açores e os que ajudaram a sua construção, nos órgãos de governo próprio, ou nas instituições – e saliento entre as demais a Universidade e a RTP Açores, em festa de quatro décadas, como marcos diários na estrutura que tornou mais visível a projeção dos Açores no mundo e a chegada mais célere do mundo aos Açores.

É tempo de honrar, pois, os que com o seu trabalho, esforço e sacrifício, muitas vezes pessoal, desenharam os traços do edifício autonómico que hoje conhecemos.

É igualmente tempo de agradecer aos que ainda estão connosco e recordarmos os que já partiram, mas que, estou certa, estão também hoje connosco celebrando o Divino Espírito Santo. Uma referência sentida ao mais recente desaparecimento de um ativo colaborador da Autonomia

constitucional que desempenhou os mais altos cargos desta Região: Alberto Romão Madruga da Costa.

Açorianas e Açorianos,

Hoje é Dia de Festa!

A única festa que é de todas as nove ilhas, irmanadas com as décimas dispersas pelo mundo.

Hoje celebramos a nossa unidade e a nossa coesão.

Hoje é o dia dos Açores: nove partes que são uma só, nove ilhas ligadas por este imenso mar que nos envolve, nove identidades, nove paisagens, nove estrelas que guiam os Açores!

Em comunhão, pela nossa autonomia, como dizia a brilhante Natália Correia na letra que deu cor ao hino dos Açores.

Não existe floresta sem cada uma das suas árvores, pelo que devemos fazer das nossas diferenças e particularidades o fio condutor para um desenvolvimento harmonioso, que contribua para o efetivo progresso da nossa Região.

Respeitando a pluralidade e a diferença, é imperativo que se continue a falar a uma só voz, como o fizemos no passado, na defesa da terceira revisão do Estatuto Político Administrativo, da Lei de Finanças Regionais e em muitas outras matérias.

Como, estou certa, continuaremos a fazer quando estiverem em causa os princípios autonómicos que nos regem, perante pensamentos e posturas centralistas que não compreendem, ou não querem compreender, as singularidades da nossa existência e os custos inerentes à nossa insularidade.

Os Açores, na aproximação dos seus 40 anos de autonomia, enfrentam hoje desafios diferentes mas não menos importantes.

A consolidação democrática e, simultaneamente, o aprofundamento autonómico, colocam os Açores, mesmo com a sua ultraperiferia, insularidade e escassez territorial, no mundo global onde pontuam os centros de debate nacional e europeu, onde se forma a opinião pública e onde se toma a decisão política.

A nossa Região deve estar preparada, na evolução presente, para as mudanças que se aproximam e para empreender

uma intervenção pública nas matérias relacionadas com o ambiente e o mar.

A extensão de mar dos Açores coloca-nos numa posição privilegiada, perante aqueles que debatem as potencialidades de uma área ainda hoje pouco conhecida.

São estas riquezas do Atlântico profundo que teremos de saber salvaguardar redimensionando, assim, a nossa posição estratégica no país e na Europa.

Hoje, mais do que nunca, é importante estarmos atentos e vigilantes para que possamos integrar a modernidade, a inovação e proporcionar à agricultura, à pesca, à indústria e ao turismo o profissionalismo e a qualidade que as conduzam a um futuro promissor.

A nossa sociedade transformou-se e se estamos no centro do mundo, devido às novas tecnologias de informação, também é certo que estes meios devem dar-nos a capacidade de fixarmos ativos nas nossas ilhas, de permitir que os nossos jovens regressem às suas origens, rejuvenescendo assim a população e firmando as nossas perspetivas de futuro.

Açorianas e Açorianos,

Hoje é Dia de Festa!

E que feliz foi o legislador ao fazer coincidir o Dia dos Açores com a Segunda Feira do Espírito Santo!

Porque a essência da nossa vida é intrínseca à fé que nos move e aos ensinamentos deste Dia Maior: paz, solidariedade e partilha.

Com coragem e trabalho construímos uma nova história que as gerações vindouras, por lhes correrem nas veias a açorianidade, irão reinventar sempre com o respeito pela memória do passado.

É imperioso, nos tempos difíceis que atravessamos, saber olhar para aqueles que mais sofrem, para aqueles que deixaram de acreditar, para aqueles que já não têm esperança.

E esses cidadãos que vivem um período de sérios desafios e de algum desencanto que a crise económica faz alastrar, não podem baixar os braços nem optar por um certo afastamento do representante que elegeram, com a demissão do seu dever, optando pela abstenção.

É na livre escolha e na manifestação inalienável das nossas opções que a democracia ganha raízes tais que não há perigo que a estremeça. É na aproximação de dois sentidos, entre eleitores e eleitos, que se consegue trabalhar em conjunto para o progresso da nossa terra.

Os eleitos estão em cada uma das ilhas a trabalhar com esse sentido e para atingir esse objetivo. Reconheçam-nos e formem com eles uma parceria de interesse: o interesse superior da nossa terra merece a união, na diferença, entre todos nós.

Façamos como Medeiros Ferreira, que apreciava nascer todos os dias e dizia gostar das pessoas que sabem ressuscitar, no sentido vivencial da expressão.

Podemos e devemos, nesta segunda feira do Espírito Santo, tão sagrada para a nossa História, ressuscitar de indiferenças e de antagonismos estéreis e agrupar as nossas forças e a nossa vontade de partilhar, no bem, a nossa terra.

Os eleitos hoje, mais do que nunca, têm de colocar a Autonomia e os instrumentos fiscais e jurídicos que a Autonomia lhes concedeu ao serviço da comunidade.

Que a responsabilidade que nos foi conferida, pelo voto do povo, nos faça estar cada vez mais próximos do outro, a ouvir cada vez mais os agentes ativos da nossa sociedade. Só assim é possível avaliar e decidir corretamente, só assim é possível cumprir o desígnio de ir ao encontro das expectativas de quem nos confiou o seu futuro.

Só assim, com humildade e sentido de serviço, será possível realizar o propósito para o qual fomos eleitos.

Que o Espírito Santo nos ilumine e nos dê clarividência para continuarmos a apoiar todos: idosos, jovens, empresas, trabalhadores.

Não há, nem deve haver, compartimentos estanques entre o direito e o dever da intervenção cívica e política. Somos um só povo, com uma só História e uma geografia que nos identifica. Saibamos honrar esta força e esta beleza!

Açorianas e Açorianos, do Corvo a Santa Maria, nascidos ou de coração, residentes ou espalhados pelo Mundo,

Hoje é dia de Festa!

Hoje é o nosso Dia!

Disse.

Lajes da Flores, 25 de maio de 2015